#MANIFESTAÇÃO: A Multidão Quer Mais Democracia

Gerson Dudus[1]
Faculdade Salesiana Maria Auxiliadora
Macaé/RJ

RESUMO

Análise do #VEMPRARUAMACAÉ associado às grandes manifestações que tomaram o Brasil em junho de 2013. Através de conceitos como poética da comunicação, multidão, coletivos inteligentes, acontecimento, máquina de guerra, democracia de alta intensidade em autores como Antonio Negri, Boaventura de Souza Santos, Michel Serres e Slavj Zizek, tenta compreender a emergência deste movimento a partir da importância da internet e das mídias sociais em sua produção e seus resultados sociais e políticos.

PALAVRAS-CHAVE: outono brasileiro; multidão; democracia de alta intensidade; mídias sociais; comunicação.

#MANIFESTAÇÃO: A Multidão Quer Mais Democracia

O movimento em Macaé, cidade do Norte Fluminense, começou um pouco depois das grandes manifestações em São Paulo e no Rio de Janeiro, no que se convencionou chamar Outono Brasileiro/ Copa das Manifestações/ BRevolução, em junho de 2013.

Nesta cidade, as passeatas começaram no dia 20/06. E foi impressionante ver entre sete a dez mil pessoas na rua, com faixas, cartazes, bandeiras, camisetas preparados para a manifestação #VEMPRARUAMACAÉ. Nem em períodos eleitorais se viu tanta gente participando de passeatas e comícios. Também esta manifestação, como as de São Paulo, Rio e outras grandes cidades brasileiras, foram convocados pela internet, através de um grupo no Facebook.

Este trabalho faz uma análise do que aconteceu localmente, vinculando às outras manifestações no Brasil, e suas repercussões, municipais, estaduais e nacionais. Para isso, utiliza os conceitos de poética da comunicação, multidão, coletivos inteligentes, acontecimento, democracia de alta intensidade; e autores como Antonio Negri, Souza Santos, Michel Serres, Slavoj Zizek.

[1] Professor de Jornalismo e Publicidade na FSMA; Mestre em Comunicação e CulturaUFRJ: gdudus@gmail.com

NÃO É SÓ POR VINTE CENTAVOS

Foi surpreendente e provocador o movimento que começou protestando contra o aumento de tarifas de transporte público e, repentinamente, ganhou uma dimensão social e política avassaladora. Os analistas não sabiam o que dizer, os políticos não sabiam o que dizer, os jornalistas não sabiam o que dizer. Todos estes especialistas não sabiam o que o movimento significava, não sabiam o que pretendia, não sabiam quem o liderava. O *modus operandi* do movimento caminhava na contramão da linguagem política estabelecida pela democracia liberal, naturalizada como 'única forma' da democracia até aquele momento.

O novo ativismo acontecendo, que recupera o espaço público e civil da política – como vimos na **Primavera Árabe**, nos **Indignados** espanhóis, no **Occupy**,em 2011, e agora entre nós, está usando e cada vez melhor todos os equipamentos tecnológicos que a nossa era da informação oferece para aumentar o espectro da democracia – uma democracia não meramente 'representativa'(em crise evidente e grave), mas uma democracia participativa, direta, uma democracia de alta intensidade. Boaventura de Souza Santos, falando sobre movimentos sociais reivindicadores de mais direitos em países como Portugal, Brasil, Índia e África do Sul, afirma que:

> *"os atores que implantaram as experiências da democracia participativa colocaram em questão uma identidade que lhes fora atribuída externamente por um Estado colonial ou por um Estado autoritário e discriminatório. Reivindicar direitos de moradia (Portugal), direitos a bens públicos distribuídos localmente (Brasil), direitos de participação e de reivindicação do reconhecimento da diferença (Índia e África do Sul) implica questionar uma gramática societária e estatal de exclusão e propor, em alternativa, uma outra mais inclusiva."*[2]

Combater a forma representativa, que ocasiona uma enorme distância entre representantes e representados é justamente o objetivo principal da "democracia de alta intensidade" proposta por este autor. Para superar a democracia liberal é preciso elaborar novas formas de participação democrática que atendam aos reais anseios dos cidadãos. Uma democracia de alta intensidade é a que atribui direitos iguais de representação e participação para os diferentes grupos de uma sociedade, buscando uma sociedade mais justa e equilibrada.

Desse modo, vimos multidões cada vez maiores indo às ruas reivindicar serviços públicos melhores, eliminação da corrupção, direitos humanos para as minorias, sem nenhum protagonismo dos políticos, partidos ou sindicatos. O movimento se disse sempre **apartidário**, privilegiando a representação de **cada um** como **a** representação efetiva.

[2] SANTOS, Boaventura de Souza. **Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa**. pg. 50.

Na teoria política contemporânea, o conceito de multidão – vindo de Spinoza, passando por Simondon e Marx – se mostra como uma multiplicidade incomensurável, um universal concreto. Multidão é um ator social ativo, uma multiplicidade que age. Age de modo diverso da turba ou da plebe ou da massa. Ela é a responsável por sua auto-organização. Como nos diz Virno,

> *"para Simondon, contrariamente ao que afirma um sentido comum disforme, a vida de grupo é o momento de uma ulterior e mais complexa individuação. (...) a singularidade burila-se e alcança seu apogeu no atuar conjuntamente, na pluralidade de vozes; em uma palavra, na esfera pública."*[3]

Individuação, diferente de individualização ou individualismo, que são processos homogeneizadores operados pelo sistema capitalista e suas máquinas reterritorializadoras. Individuação é um processo de singularização, de diferenciação. A esfera pública de Habermas é retomada de modo radical, nestes movimentos.

QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA

> *"Se a comunicação se torna cada vez mais o tecido da produção, e se a cooperação linguística se torna cada vez mais a estrutura da corporalidade produtiva, então o controle do sentido e do significado linguístico e das redes de comunicação constituem uma questão cada vez mais central para a luta política"*[4]

Considerando a epígrafe, de Toni Negri e Michael Hardt, daí a necessidade de se apropriar das redes de comunicação para fazê-las ressoar valores libertários e fraternos, qualitativamente diferentes dos da globalização corporativa ou do Mercado. É exatamente isso que estes coletivos criados por estas grandes manifestações estão fazendo neste momento. Estão conjugando inteligência e ativismo por um outro mundo, outra ordem mundial. Segundo Negri, a unidade do político, do econômico e do social se determina na comunicação: é no interior dessa unidade, pensada e vivida, que os processos revolucionários podem hoje ser conceituados e ativados.

Por isso mesmo, vimos que as convocações foram ativadas e as manifestações foram registradas por Mídias Sociais como Facebook, Youtube, Twitter. Os manifestantes se tornaram documentaristas, repórteres, redes de comunicação transmitindo, em tempo real, o que acontecia em cada lugar do país. E o que mostravam era diferente da versão oficial

[3] Virno, Paolo. Multidão e Princípio de Individuação. Revista Lugar Comum 19, pg. 38
[4] Hardt, Michael e Negri, Toni Império pg 428

vinda da mídia corporativa – veículos de comunicação de massa, como jornais, redes de televisão e revistas semanais. A versão da mídia corporativa primeiro rebaixou e negou a positividade do movimento. Num segundo momento o acolheu, quando já não era possível negar a premência e relevância da multidão.

Grupos como os da luta anti-globalização ou da anti-publicidade, na década de 90, ou outros coletivos inimagináveis pouco tempo atrás, inventam formas de resistir ao poder instituído, à mídia corporativa, à política representativa, afirmando o potencial dos valores como cooperação e comunidade, produção e subjetividade:

> *"como formular uma nova teoria política que dê conta dos novos coletivos... Se é o coletivo que mudou... Percebe? Esta nova coletividade... O conjunto das mulheres no planeta que tiveram câncer de mama não era um coletivo imaginável há seis anos. É um novo coletivo. E eu acredito que muitos conceitos como a representação por um deputado etc. devem ser re-retomados, re-refletidos e mesmo uma política em tempo real, isto é, o processo de decisão etc., tudo deve ser repensado em virtude das novas tecnologias"*[5]

É preciso acreditar na potência da multidão, na criatividade e força dos movimentos sociais para gerar um contrapoder que desequilibre o atual estado de coisas. E tudo isso através de pensamento e ação diferenciados em comunicação, quer dizer, fazendo os saberes e fazeres se comunicarem.

Pudemos ver os efeitos quase imediatos da ação da multidão nos desdobramentos do movimento: retorno do preço anterior das tarifas municipais em várias capitais e cidades, deslocamento de verbas públicas para melhoria do transporte nos estados, mais verba federal para saúde, proposta de plebiscito da reforma política pela Presidenta.

O movimento do Outono Brasileiro criou um agenciamento do desejo com as forças sociais, políticas, que produziu o acontecimento. O movimento tornou-se, como afirmam Deleuze/Guattari, uma máquina de guerra:

> *" O desejo é sempre agenciado, ele é o que o agenciamento determina que ele seja. No próprio nível das linhas de fuga, o agenciamento que as traça é do tipo máquina de guerra(...)que certamente não tem a guerra por objeto, mas a emissão de quanta de desterritorialização, a passagem de fluxos mutantes (toda criação nesse sentido passa por uma máquina de guerra). (...)a máquina de guerra é um agenciamento distinto do aparelho de Estado. De origem nômade, ela é dirigida contra ele."*[6]

---

[5] Serres, Michel Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica. RevistaInterface Botucatu vol.4 no.6

[6] Deleuze, Gilles e Guattari, Felix Mil Platôs vol. 3, pg. 112

Daí o estranhamento provocado em todos, e o aturdimento dos especialistas, que nunca poderiam prever o acontecido. As redes de comunicação dissolvem a abstração do par sujeito-objeto, fazendo da humanidade tanto sujeito quanto objeto de seu trabalho. Quando todos os lugares estão presentes num único lugar, efeitos das TI, é possível tornar o mundo uma república global de utopia com uma distribuição igualitária de comunicação, nos dizeres de Michel Serres.

Essa democracia dos meios e a resultante liberdade de expressão e produção de informação para uma sociedade mais justa e inteligente, quem procura realizá-la, são justamente os novos movimentos sociais, uma espécie de ativismo global que está juntando forças. Eles estão fazendo comunicação horizontal, eles estão criando uma Poética da Comunicação com seus atos comunicativos inteligentes. Como nos diz Henrique Antoun:

> *"para o ativismo, resistir não é mais apenas sofrer a paixão do embate com o poder atual do Estado (...) Resistir tornou-se também inventar os movimentos através dos quais os modos autônomos de viver e governar a própria vida possam ser, ao mesmo tempo, as formas de lutar e se manifestar publicamente"*[7]

AQUI E AGORA

Macaé é uma cidade de extremos. Ela está assentada entre a serra e o mar, entre a altura e a profundidade. Tem um orçamento de 2 bilhões, dela saem 87% de todo o petróleo nacional. Tem um crescimento desordenado que causou uma gigantesca disparidade social entre os bairros, que se apresenta geograficamente metaforizada: da ponte da Rio Macaé pra lá é lugar da pobreza e a miséria; da ponte pra cá é o lugar da abundância e da riqueza.

Nos últimos 25 anos, quase ao mesmo tempo em que começou a receber seus royalties, a cidade reproduziu muitas das as características da chamada **Maldição do Petróleo**, que alguns especialistas usam para caracterizar países que tem sua economia toda assentada na indústria do óleo e gás: 1) seus problemas sociais levam mais tempo para ser resolvidos 2) as poucas democracias do óleo tendem a ser pouco democráticas 3) a maioria está nos últimos lugares do mundo em desenvolvimento humano, e entre os primeiros em desigualdade e endividamento.

Politicamente, tivemos governos que não prestaram contas a ninguém, roubaram descaradamente dinheiro público e produziram uma sociedade civil desestruturada. Não tivemos prefeitos ou gestores municipais com um projeto de desenvolvimento, apenas

[7] Antoun, Henrique. Jornalismo e ativismo na hiper-mídia Revista da Famecos n.16 pg. 139

grupos rivais brigando pelo poder e pelo acesso ao poço de dinheiro. A nova administração, que entrou em 2013, depois de uma auditoria em todas as instâncias municipais, descobriu um rombo de 600 milhões. Temos 210 mil habitantes, com apenas 25% de cobertura em saneamento básico, uma rede educacional e de saúde onde as creches e postos de saúde são casas alugadas adaptadas para este uso. Nos últimos oito anos, nenhuma escola pública municipal foi construída.

A mídia impressa conta com apenas um semanário – o *Expresso Regional* – e dois diários – *O Debate*, que existe desde o século passado (1976), e o *Diário da Costa do Sol*, que começou a circular em 2001; e a mídia eletrônica conta com duas rádios FM de propriedade de políticos, e todos estes veículos têm um histórico de relações íntimas com forças políticas da cidade e da região, que os financiaram ou financiam.

O nível de descontentamento, portanto, é grande, e as demandas são justas e urgentes. Foi interessante ver a independência absoluta do movimento #VEMPRARUAMACAÉ quanto à mídia local. Tudo foi registrado e replicado via smartphones, tablets, ipads, para as mídias sociais, nas páginas oficiais do movimento e nas páginas de cada macaense que foi à rua protestar. A diversidade de captação e difusão do andamento das manifestações teve papel fundamental na divulgação do movimento.

Além disso, depois de uma discussão na própria pagina oficial do evento sobre o porquê de seus organizadores serem 'fakes', foi desmascarada uma tentativa de apropriação do movimento por assessores de políticos da cidade, mais precisamente de um vereador. A página, durante aqueles dias, começou com mil participantes, alcançando dez mil em uma semana. Estes assessores, que tentaram controlar o movimento, procurando apoio da PM, indo ao Rádio falar sobre a realização da passeata, foram desautorizados pelos participantes.

O mais curioso foi a tentativa de estancar o movimento, com um desses 'fakes' postando que não haveria mais passeata no primeiro dia de manifestação – o que foi replicado num programa de rádio de grande audiência - mas expressa e expressivamente ignorado pelos sete a dez mil macaenses que foram pra a rua naquele mesmo dia. O modo como, via Mídias Sociais, o movimento se livrou daqueles que queriam cooptá-lo para uma forma de representatividade política ou massa de manobra, foi uma importante lição da nova forma de participação política.

> *"A militância política revolucionária hoje precisa redescobrir o que sempre foi a sua forma própria: atividade não representativa mas constituinte. A militância atual é uma atividade positiva, construtiva e inovadora.(...)a cooperação produtiva da intelectualidade das massas e das*

> *redes afetivas, a produtividade da biopolítica pós-moderna. Essa militância faz da resistência um contrapoder e da rebelião um projeto de amor."*[8]

Na segunda manifestação, três dias após a primeira, a multidão conseguiu trazer à rua os vereadores, ao passarem pela Câmara dos Vereadores, depois conseguiram chegar ao prefeito (esta, a primeira de uma série de encontros que começaram a acontecer, com uma pauta popular específica tirada das plenárias realizadas na Praça Veríssimo de Melo, durante todo o mês de junho), que pediu uma equipe de representantes. Isso foi prontamente rejeitado pelo movimento, fazendo o prefeito descer até a rua para se reunir com todos, sem uma representatividade escolhida: a multidão se representa. Aí a metáfora da vontade de Democracia Direta, de instrumentos de participação mais efetivos e eficazes, para além da representatividade política clássica dos partidos e parlamentares.

ANGER IS AN ENERGY

Este verso de uma letra do grupo Public Image Ltd expressa perfeitamente o que temos visto nestes grandes movimentos e manifestações pelo mundo. A raiva parece ser um dos motores subjetivos constituintes da rebelião contra o Sistema, ou o Império, nos dizeres de Negri e Hardt:

> *"cada evento insurrecional que surge dentro da ordem do sistema imperial provoca um choque em todo o sistema(...) o aspecto mais relevante demonstrado pelas lutas talvez sejam as acelerações súbitas, em geral cumulativas, que podem se tornar virtualmente simultâneas, explosões que revelam um poder propriamente ontológico e um ataque imprevisível nos equilíbrios mais centrais do Império"*[9]

Mas o que este(s) movimento(s) quererá(ão) dizer, ou, mais fundamental ainda, o que poderá(ão) fazer? Essa pergunta tem sido repetida nos vários talk-shows, programas de debates e reportagens por toda a mídia: televisão, rádio, jornais, revistas, internet. Para responder a estas perguntas, ou melhor, problematizá-las e relança-las no acontecimento, é preciso escolher uma teoria que se permita ser visionária. Hakim Bey, pensador sem rosto – como os Anonymous hoje – ícone da contracultura contemporânea, responsável por livros e conceitos importantes da década de 90 como a Zona Autônoma Temporária (TAZ) ou o Terrorismo Poético, fala sobre essa necessidade, neste momento da rebelião:

> *"O que significa isso tudo em termos de estratégia possível – ou até tática – "depois deSeattle", etc, etc? De que forma esta "espera por um sinal" se relaciona*

[8] Hardt, Michel e Negri, Toni. Império pg. 436,437
[9] Hardt, Michel e Negri, Toni Imperio

> *com a luta contra a OMC, o FMI, o World Bank, o NAFTA, o GATT, as grandes corporações, os superfundos, para não mencionar os velhos inimigos de sempre, como governos e exércitos, e novos e ambíguos inimigos, como as ONGs?Eu gostaria de fazer um apelo à teoria, o que de modo algum implica ideologia. "Theoria" originalmente significa "visão" e inclui tanto vista como "experiência visionária".”*[10]

Um dos pensadores mais instigantes da contemporaneidade usa aqui uma futurologia, uma ultrapassagem da limitação tempo/espaço, fazendo o futuro emergir no presente:

> *“A primeira coisa a dizer é que o trabalho subterrâneo do descontentamento está em andamento: a fúria está crescendo e haverá uma nova onda de revoltas. De que maneira devemos ler os sinais dessa fúria?(...)Eventos como os protestos do movimento Occupy Wall Street, a Primavera Árabe, as manifestações na Grécia e na Espanha etc devem ser lidos como sinais do futuro. (...) A explosão emancipatória radical (deve ser analisada)como fragmentos limitados e distorcidos (às vezes até pervertidos) de um futuro utópico que está inativo no presente como potencial oculto. Segundo Deleuze, em Proust “as pessoas e as coisas ocupam no tempo um lugar que não se compara com o que têm no espaço”. De maneira semelhante, deveríamos aprender a arte de reconhecer, a partir de uma posição subjetiva engajada, os elementos que estão aqui, no nosso espaço, mas cujo momento é o futuro emancipado, o futuro da ideia comunista”*[11]

O que se necessita para pensar o momento é uma teoria que seja “experiência visionária”. Um poética da comunicação, que produz diferença pensando diferente para produzir diferença na ação diferente. Isso tudo para dar conta dos desafios que se colocam àqueles que querem mudança, eqüidade, justiça, paz, neste inescapável devir político macaense/brasileiro/mundial. Teoria que se faz na participação direta, militante, nestes processos transformadores, facilitados pelas novas tecnologias da informação, pelas mídias sociais, inaugurando uma nova forma de vivência política, onde o comum é o valor fundamental.

REFERÊNCIAS

1. **Antoun, Henrique. Jornalismo e Ativismo na Hipermídia. Revista da FAMECOS no. 16. Porto Alegre EDIPUCRS 2001**
2. **Bey, Hakim. Batalha Espiritual. http://pt.protopia.at/wiki/Batalha_Espiritual acessado em 14/06/2013**
3. **Deleuze, Gilles e Guattari, Felix Mil Platôs vol. 3 São Paulo Editora 34 1996**

[10] Bey, Hakim. Batalha Espiritual
[11] Zizek, Slavoj. O Ano em que Sonhamos Perigosamente, pg.130

4. **Hardt, Michael e Negri, Toni.** Império. Rio de Janeiro, Editora Record 2001
5. **SANTOS, Boaventura de Souza.** Democratizar a democracia: os caminhos da democracia participativa. Edições Afrontamento. Lisboa. 2003
6. **Serres, Michel.** Novas Tecnologias e Sociedade Pedagógica. RevistaInterface Botucatu vol.4 no.6 http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832000000100013 acessado em 12/07/2013
7. **Virno, Paolo.** Multidão e Princípio de Individuação. Revista Lugar Comum 19, 2003 em http://uninomade.net/lugarcomum/19-20/ acessado em 13/07/2013
8. **Zizek, Slavoj.** O Ano em que Sonhamos Perigosamente.São Paulo. Boitempo Editorial 2012